

## **Uma história ambiental da vitivinicultura no Oeste de Santa Catarina: a Vitivinícola Família Breancini**

**Gabrieli Elisa da Costa**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS) e Bolsista CAPES  
gabrieli.costa@estudante.ufs.edu.br

### **1. Introdução**

A produção de vinho no Brasil começou no período colonial, quando Martim Afonso de Souza trouxe as primeiras variedades de uva para a capitania de São Vicente em 1532. No Sul, o plantio iniciou no Rio Grande do Sul em 1626, com videiras introduzidas pelos jesuítas. No século XIX, imigrantes alemães e italianos trouxeram outros tipos, predominando uvas de Portugal e Espanha, da espécie *vitis vinifera*. Essas castas foram afetadas por doenças fúngicas de videiras nativas da América do Norte, levando ao cultivo de variedades americanas como Isabel, Niágara Branca e Niágara Rosada no século XX (Ferreira; Ferreira, 2018).

De acordo com Jó Klanovicz (2012), em Santa Catarina, uma das primeiras iniciativas relacionadas à fruticultura ocorreu na década de 1950, quando madeireiros, como os irmãos Frey, buscaram alternativas econômicas. Em Fraiburgo, os Frey investiram na fruticultura de ameixa e uva, inicialmente para produção de vinhos, estabelecendo uma base que influenciaria o setor local. Vale destacar que, em Videira, a produção de uvas e vinhos já estava consolidada. Posteriormente, o estado se tornou referência nacional, com destaque para o Vale do Rio do Peixe na Região Tradicional e os Vinhos de Altitude da Serra Catarinense na Região Supernova (Terrerri; Velasco; Nodari, 2022), sendo que desde a década de 1970, o estado se destaca na produção de maçãs e uvas, sendo a viticultura relevante a partir da década de 1980.

A Nova Região, no oeste do estado, também tem se desenvolvido na produção de uvas para vinhos. A introdução de fungicidas durante a Revolução Verde possibilitou o cultivo de uvas europeias como Cabernet Sauvignon e Chardonnay (Protas; Camargo; Mello, 2006). Segundo o Portal ALICE da EMBRAPA, a produção nacional ocupa cerca de 71 mil hectares, distribuída em zonas de cultivo adaptadas às condições ambientais e edáficas.

Tendo em vista o desenvolvimento da vitivinicultura no estado, é de suma importância compreender o histórico de desenvolvimento de produção de frutíferas, com foco na uva para produção de vinho sob a perspectiva da História Ambiental, a fim de contribuir para as pesquisas

dentro das Ciências Humanas. Sendo assim, a área de delimitação desta pesquisa serão as chamadas Região Tradicional e Nova Região, entre as décadas de 2000 a 2020.

## **2. Metodologia**

O objetivo da presente pesquisa é investigar a relação da herança familiar da vitivinicultura, através do estudo de caso da Vinícola Família Breancini, localizada em Cordilheira Alta/SC, e como ela se entrelaça com a História Ambiental, a partir do viés proposto pela disciplina de História Ambiental, cujo um dos objetivos é a compreensão de quais recursos são socialmente úteis ou inúteis, já que a existência do recurso natural é intrínseca à identificação cultural que lhe é atribuída.

Para tanto, primeiramente, serão utilizados documentos de instituições responsáveis pela pesquisa e desenvolvimento de técnicas e serviços para a agricultura, como a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EMBRAPA).

Um segundo grupo de fontes a serem trabalhadas são os periódicos disponíveis *on-line*, de vários canais da imprensa e revistas *on-line* que tratam do tema em questão para melhor visualizar o processo de desenvolvimento da atividade vitivinícola no recorte espaço-tempo delimitado nesse estudo.

Por fim, o terceiro grupo de fontes são as entrevistas, fundamentais para a análise de como surgiram e como se consolidaram os agentes formadores da cadeia de produção vitivinícola do estado, desde os pequenos produtores até as maiores vinícolas. Este grupo inclui os proprietários das vinícolas estudadas, além dos trabalhadores envolvidos em todas as etapas, desde o cultivo até a colheita.

Ademais, a disciplina da Micro-História, que leva em consideração fontes e narrativas alternativas, considerando não apenas as mudanças macroeconômicas e políticas, mas também aspectos do cotidiano que constituíram o fazer de um determinado período, também auxiliará na pesquisa, buscando compreender as perspectivas locais e as conexões globais da Vinícola Família Breancini, em Cordilheira Alta/SC.

## **3. Resultados e discussão**

O registro mais antigo sobre a presença do vinho remonta ao período neolítico, entre 8.500 e 4.000 a.C., com base na análise química de jarros encontrados no Oriente Médio, contendo sedimentos de coloração amarela e avermelhada, ricos em ácido e cálcio tartárico (Phillips, 2003).

Embora essas evidências indiquem a existência de vinho, permanece incerto se o processo de vinificação foi intencional ou acidental, já que os jarros também armazenavam frutas que poderiam ter fermentado incidentalmente.

Avançando no tempo, por volta de 3.500 a 3.000 a.C., arqueólogos encontraram jarros maiores, com capacidade entre 30 e 60 litros, enterrados horizontalmente e contendo sedimentos que iam da base ao gargalo. Esses jarros tinham tampas de argila, indicando que o vinho era armazenado em condições subterrâneas para protegê-lo do oxigênio (Phillips, 2003). Embora permaneça incerta a questão de o vinho ter sido criado ou descoberto, sua existência do vinho estava limitada geograficamente pela presença de uvas, elemento indispensável nesse processo.

Dentro dessa perspectiva, o espaço geográfico não pode ser entendido como uma realidade material independente, mas como algo atrelado a uma realidade social, de modo que os vinhedos "em si mesmos" não servem como ponto de partida epistemológico. De acordo com José Augusto Pádua (2010, p. 83):

De maneira geral, na medida em que as sociedades humanas se territorializaram – construindo seus ambientes a partir de interações com espaços concretos de um planeta que possui grande diversidade de formas geológicas e biológicas –, emergiram incontáveis exemplos de práticas materiais e percepções culturais referidas ao mundo natural. A produção de um entendimento sobre esse mundo tornou-se um componente básico da própria existência social.

Nesse contexto, a História Ambiental busca compreender como os recursos naturais se tornam úteis ou inúteis para as sociedades, já que esses recursos só existem a partir de uma identificação cultural (Drummond, 1991), além de considerar a relação entre os seres humanos e a natureza, observando como essa interação afeta e é afetada pelas sociedades (Worster, 1991). Dessa forma, existência das paisagens vitivinícolas depende das sociedades que as formam, inserindo-se no que Milton Santos denomina Sistemas da Natureza sucessivos, em que a natureza "(...) é continente e conteúdo do homem, incluindo os objetos, as ações, as crenças, os desejos, a realidade esmagadora e as perspectivas" (Santos, 1992, p. 95). Assim, os vinhedos podem ser entendidos como construções sociais.

Seguindo essa linha de raciocínio, enquanto a História tradicional privilegia o tempo e a narrativa, geralmente tratando o espaço apenas como pano de fundo estático para os eventos, a História Ambiental integra a dimensão espacial de forma crítica. Essa abordagem permite interpretar uma vinícola não apenas como um espaço físico, mas como um espaço relacional dinâmico.

No que diz respeito à Vinícola Breancini, há aproximadamente 50 anos, o produtor Valdir Breancini, chegou ao Oeste Catarinense pela primeira vez. Sozinho, vindo de de Garibaldi, no Rio Grande do Sul, adquiriu uma propriedade rural na Linha Campina do Gregório, em Cordilheira Alta. A princípio, seu Valdir tinha criação de porcos, contudo, uma contaminação ao rio próximo de sua propriedade fez ele parar com a suinocultura. O produtor conta que desde jovem já ajudava o avô e o pai na produção de vinho e, inspirado na sua família, iniciou a produção de uvas para vinho em 1998, em Cordilheira Alta/SC. "O único dos Breancinis que seguiu a tradição dos avôs de produzir vinho fui eu"<sup>1</sup>, conta Valdir Breancini, com orgulho.

A produção vitivinícola da Vinícola Breancini iniciou com três mil pés de uva, hoje em dia conta 12 mil pés de uva, totalizando 3 hectares de parreirais. Quanto aos tipos de uvas, a Vinícola produz apenas uvas do tipo bordô e niágara, de castas americanas. Segundo o produtor, foram as espécies escolhidas por se adaptarem melhor ao clima da região. Desta forma, os vinhos produzidos são coloniais, de mesa, dos tipos bordo (tinto) e niágara (branco). Os vinhos são armazenados em pipas, para depois serem engarrafados e vendidos pela vinícola. A comercialização é feita na própria vinícola ou em Chapecó, no escritório de seu filho, na Rua Rui Barbosa 1183–E.

No que diz respeito ao enoturismo, a prefeitura de Cordilheira Alta tem um projeto de rota turística para ampliar a visibilidade do comércio rural que existe no município. Não há data para início da rota, então a Vinícola segue por ora sem incentivos externos ou parcerias.

Desta forma, ao considerar aspectos como a relação entre os seres humanos e o espaço, bem como os significados atribuídos a ele ao longo do tempo, é possível perceber que as práticas vitivinícolas moldaram e foram simultaneamente moldadas pelos contextos históricos e ambientais, como foi o caso da Vinícola Breancini. Essa compreensão revela que os vinhedos não são apenas espaços físicos dedicados ao cultivo de uvas, mas sim paisagens carregadas de interações sociais, culturais e naturais. Por meio da lente da História Ambiental, entende-se que esses territórios são construções dinâmicas, refletindo a complexa relação entre a sociedade e a natureza, e evidenciando como as práticas humanas continuamente transformam e ressignificam o espaço ao longo do tempo.

#### 4. Considerações finais

Ao longo das últimas décadas, a vitivinicultura no Meio Oeste e Oeste Catarinense revelou-se não apenas uma atividade econômica relevante, mas também um elemento central na construção de identidades locais e na interação entre sociedade e natureza. A trajetória da Vinícola Breancini

<sup>1</sup> *Um brinde ao vinho produzido no Oeste*. **Diário do Iguaçu**. Chapecó. 03 de setembro de 2018. Acesso em 28 nov. 2024.

exemplifica como práticas tradicionais foram preservadas e adaptadas em resposta a desafios ambientais e sociais, consolidando-se como um testemunho vivo da relação dinâmica entre cultura e meio ambiente. A produção de vinhos coloniais, com castas adaptadas ao clima regional, ilustra a resiliência e a capacidade de inovação dos pequenos produtores em contextos históricos e geográficos específicos.

Sob a perspectiva da História Ambiental, os vinhedos deixam de ser meros espaços de cultivo para se tornarem paisagens culturais carregadas de significado. Esses territórios, como os da Vinícola Breancini, refletem as transformações e ressignificações promovidas pelas práticas humanas ao longo do tempo. Assim, é possível compreender a vitivinicultura como um processo que transcende a esfera econômica, integrando aspectos sociais, culturais e naturais, e contribuindo para o entendimento das interações entre sociedade e natureza nos sistemas produtivos catarinenses.

## Referências

- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 177–197.
- FERREIRA, Valdiney C.; FERREIRA, Marieta De Moraes. **Vinhos do Brasil: do passado para o futuro**. Editora FGV, 2018.
- KLANOVICZ, Jó; ARRUDA, Gilmar; DE CARVALHO, Ely Bergo (Ed.). **História ambiental no sul do Brasil: apropriações do mundo natural**. Alameda, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. s/l, 2006. 476 p. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. 24 (68), São Paulo, p. 81-101, 2010.
- PHILLIPS, Rod. **Uma breve história do vinho**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- PROTAS, JF da S.; CAMARGO, Umberto Almeida; DE MELLO, Loiva Maria Ribeiro. Vitivinicultura brasileira: regiões tradicionais e pólos emergentes. **Embrapa Uva e Vinho—Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2006. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/536040>. Acesso em 01 jun. 2024.
- SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da natureza. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 95-106, jan./abr. 1992.
- TERRERI, Laianny Cristine Gonçalves; VELASCO, Julia Mai; NODARI, Eunice Sueli. Cultura e tradição. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 39, p. 30-49, 2022.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n.

8, 1991. P. 198–215.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente & Sociedade*. Campinas, v. V, n. 2, ago-dez. 2002. v. VI, n. 1, jan-jul. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2003000200003>

WHITE, Richard. What is Spatial History? **Stanford University Spatial History Lab**, p. 1-6, fev. 2010.

### **Agradecimentos**

À CAPES, pelo fomento a esta pesquisa.